

# A capacitação dos brasileiros

## Como cuidar do social

Os três programas sociais que mais deram certo na história moderna do Brasil são, pela ordem de importância, a escola pública, o salário mínimo e a aposentadoria rural. Convém dar um momento de descanso às teorias e às ideologias e recolher as lições destas experiências. Seguindo-lhes o exemplo, por iniciativas simples e práticas, teremos como nos unir para livrar o Brasil da miséria.

Para ampliar o número de anos de escolarização das crianças brasileiras e para melhorar a qualidade do ensino temos de mudar o federalismo. Federalismo? Isso mesmo. Em tese, o governo federal deve cuidar das universidades, cada Estado de seus colégios de segundo grau e cada município de suas escolas de primeiro grau. Não pode, porém, funcionar assim, porque alguns Estados e municípios são relativamente ricos e outros muito pobres.

Precisamos, por isso, continuar um processo, que já começou, de flexibilizar o federalismo. Os três níveis da federação devem associar-se em órgãos especiais para definir mínimos de investimento por aluno e de desempenho por escola, de primeiro ou segundo ciclo. Estes órgãos complementaríamos, por mecanismos de redistribuição dentro da federação, a receita dos Estados e municípios que não conseguissem alcançar os mínimos de investimento. E interviríamos, corretivamente, na rede escolar das unidades federadas que não cumprissem os mínimos de desempenho.

Em seguida, trataríamos do conteúdo do ensino. Começaríamos a qualificar os professores para dar aulas que substituíssem a abrangência enciclopédica pelo aprofundamento seletivo e a memorização de fatos pelo cultivo de capacidades analíticas e práticas.

O salário mínimo tem sido, no Brasil, a segunda melhor política social, perdendo só para a escola pública. Continua aviltado. Precisa e pode aumentar muito. Para isso, temos de acabar com os efeitos automáticos do salário mínimo sobre os outros salários e sobre as pensões.

Não basta. Precisamos criar empregos para os trabalhadores mais pobres ao mesmo tempo que lhes elevamos o salário. A melhor maneira é acabar com todos

## A capacitação dos brasileiros

os encargos sobre a folha de pagamentos, subsidiar, por concessões fiscais ao empregador, o salário mínimo maior e elevar, em troca, a tributação do consumo.

A aposentadoria rural é a mais bem sucedida transferência de renda a um grupo grande de pobres no Brasil. Precisamos encontrar outras. Nem a renda-mínima generalizada, nem a bolsa-escola distinguem, com eficiência, os grandes bolsões de pobreza. Há, porém, alternativas que o fazem. Uma delas é regularizar a posse da terra nas periferias das metrópoles brasileiras, onde grande parte da população mora em situação irregular, e fornecer material de construção subsidiado e orientação sobre maneiras baratas de construir. Esta solução transfere propriedade e renda ao nosso maior bolsão de pobreza. (O segundo maior são os lavradores, beneficiados pela aposentadoria rural.) E estimula atividades econômicas onde são mais necessárias.

Estas idéias não são minhas. São nossas. Apenas dão continuidade às políticas sociais que mais fizeram diferença no Brasil. Aproveitam as melhores realizações tanto do governo atual quanto do PT. Definem bases de uma união nacional contra a pobreza, a ignorância e a crueldade.

## Como melhorar o ensino

Educação no Brasil não presta. Nosso problema de ensino não é apenas de quantidade -- de mais vagas, escolas e professores. É de qualidade: em todos os níveis, tanto na na grande maioria das escolas particulares quanto nas escolas públicas, o ensino é pior do que medíocre; é péssimo. Sua ruindade se torna mais patente à medida que as atenções do país se voltam para a difusão do ensino médio.

Péssima sob dois aspectos. Em primeiro lugar, porque falta a grande parte do professorado o domínio das matérias que ensina. Em segundo lugar, porque o ensino, mesmo nas escolas privadas frequentadas pelas classes abastadas, continua preocupado com a transmissão de informações. É enciclopédico em vez de ser seletivo. É factual em vez de ser analítico. É simultaneamente massificado, individualista e autoritário em vez de ser cooperativo. Sempre há o milagre dos talentos que se afirmam contra o meio. Mais importante é a tragédia das vocações,

## A capacitação dos brasileiros

que, aos milhões, nunca se revelam, sufocadas no berço por falta de instrumentos e de inspiração.

A solução começa na convergência entre três séries de iniciativas. Todas se aplicam, com ajustes, às outras áreas da política social, inclusive a saúde e a segurança.

A primeira iniciativa é a organização de um núcleo de reformadores que dirija a reorientação do nosso ensino. E que nos dê escolas que, preferindo o aprofundamento instigante à abrangência superficial, usem a informação para desenvolver a capacidade de análise.

A segunda iniciativa é a formação do professorado. Ganhos de salário e melhores oportunidades devem estar condicionadas a todo um itinerário de qualificações progressivamente mais exigentes. Os Estados e os Municípios têm de participar. Só o governo federal, porém, pode bancar.

A terceira iniciativa é a associação do governo federal, dos Estados e dos Municípios em órgãos transfederais que vigiem e assegurem o preenchimento de mínimos de investimento por aluno e de desempenho por escola. É um sistema que exige para funcionar mecanismos de redistribuição de recursos dos Estados e Municípios mais ricos para os mais pobres. E que requer procedimentos para intervir, corretivamente, quando esses mínimos deixem de ser preenchidos. Ao cidadão deve caber recurso rápido ao Judiciário, à custa do Tesouro, sempre que os órgãos transfederais malograrem em sua tarefa.

Dessas iniciativas pode resultar uma escola pública capaz de atrair a classe média. As melhores escolas devem ser as públicas, como ocorre em muitos países europeus. Beneficiária do ensino público, a classe média se tornará fiadora de sua qualidade, em proveito de toda a população.

A medida mais importante para alcançar os pobres é um programa federal maciço de bolsas de custeio que identifique em cada etapa do ensino as crianças mais dotadas ou aplicadas e que responda com ajuda pública generosa a cada demonstração de talento e de esforço. O resultado será revelar entre nossas crianças, sobretudo nas pobres e de cor, a genialidade oculta da nação.

Diz-se que reforma de educação só surte efeito a longo prazo. Não é

## A capacitação dos brasileiros

verdade. Um programa como esse produz efeitos imediatos e dramáticos. Desperta ambições e emulações em cada família brasileira. Respeita as crianças como gente grande. Fala às cabeças. Mas levanta o país pelos corações.

### Uma tragédia brasileira

Há um problema nacional que supera em urgência todos os outros. Liga o econômico ao social. Está no topo das preocupações populares segundo as sondagens de opinião. Esse problema é o emprego.

Entre um terço e pouco mais da metade da população adulta do país está no mercado informal de trabalho. Trabalha nas sombras, sem carteira assinada, sem direitos e sem perspectivas. Muitos são biscateiros, presos na zona entre o emprego e o desemprego: alguns mal alimentados, maltrapilhos e maltratados; outros relativamente remediados. Todos, porém, vivendo ao deus-dará, em trabalhos ocasionais. E dependentes, portanto, de apoio familiar.

A parte mais pobre atua, entretanto, num mundo em que as famílias são quase tão frágeis quanto os empregos. Nas periferias das grandes cidades brasileiras, uma mãe sozinha conduz uma de cada duas famílias. Os homens se revezam como companheiros temporários enquanto as mulheres cumprem a tarefa heróica de alimentar e de salvar os filhos.

Essa situação transforma as políticas sociais em esforço para compensar o incomensurável. Reduz tanto a capacidade produtiva do país quanto a dimensão de seu mercado interno. E semeia o medo entre todos os brasileiros.

Consolidou-se a idéia de que a única resposta eficaz a essa tragédia nacional é retomar o crescimento econômico. E, para retomar o crescimento, superar o desequilíbrio das nossas contas externas, incentivando, por meio de políticas industriais e comerciais ativas, tanto as exportações quanto a substituição competitiva de importações. É uma meia verdade. Leva-nos a pensar de trás para a frente.

De fato, sem fazer crescer a economia não resgataremos metade da nação. O

## A capacitação dos brasileiros

chavão "crescimento com inclusão" só ganha, porém, significado prático por meio de três compromissos.

O primeiro compromisso -- dirigido aos que estão em cima -- é o de garantir que viver de trabalhar e produzir seja melhor negócio, para quem tenha capital e conhecimento, do que viver de renda. Daí a necessidade de um juro real que seja menor do que a taxa média de retorno dos negócios. E que não seja usado para equilibrar nossas contas externas por meio de uma recessão programada. Antes de mudar a cabeça dos mercados a respeito do juro, é preciso mudar a cabeça do governo. A melhor maneira de fazê-lo é mudar o governo.

O segundo compromisso -- endereçado aos que estão no meio -- é o de assegurar a milhões de empreendedores e profissionais emergentes ou potenciais acesso ao crédito e às capacitações. E de fazer deles motor de crescimento.

O terceiro compromisso -- destinado à maioria em baixo -- é o de salvar essa maioria da vida de biscateiro. A unificação dos mercados formal e informal de trabalho passa por iniciativas como desonerar a folha salarial de todos os tributos e encargos e condicionar os direitos e as vantagens tanto do empregado quanto do empregador -- inclusive o financiamento público ou privado -- à legalização da força de trabalho de cada empreendimento.

Dando a número muito maior de brasileiros condições para trabalhar e produzir com segurança é que resolveremos, pouco a pouco, nossos problemas, inclusive o do desequilíbrio externo. Fora daí, não haverá nem crescimento duradouro nem inclusão social. O país continuará dividido contra si mesmo. E injusto demais para ser livre, próspero ou grande.

### Ensino já

O país precisa tanto de controvérsia quanto de consenso. Há tema, mais importante do que qualquer outro, a respeito do qual podemos construir convergência fecunda: a maneira de melhorar a qualidade do ensino público.

Nenhuma realização do governo de Fernando Henrique Cardoso foi mais

## A capacitação dos brasileiros

benéfica do que o aumento da escolaridade; especialmente, a difusão da escola média. Foi esforço de que participaram governadores, prefeitos e educadores de todos os partidos. Consolida-se nos quadros dirigentes do país a convicção de que a tarefa prioritária agora é dar salto qualitativo na educação.

Três conjuntos de iniciativas nos permitiriam fazer muito com pouco, obtendo resultados que logo começariam a transformar a vida brasileira, ainda que demorassem toda uma geração a surtir seus efeitos mais poderosos.

A primeira tarefa é assegurar o cumprimento de mínimos de investimento por aluno e de desempenho por escola, primária ou secundária, em todo o Brasil. O meio para fazê-lo é flexibilizar o federalismo, associando os governos federal, estaduais e municipais em órgãos colegiados, incumbidos de definir os mínimos, de supervisionar sua execução, de intervir corretivamente quando deixassem de ser satisfeitos e de suplementar os recursos financeiros e humanos das estados e dos municípios mais pobres. É caminho que já começamos a percorrer. O ponto decisivo é a negociação de pacto federativo que distinga entre duas situações. Quando as faltas se originarem na incompetência dos governos locais, a solução é sequestrar, sob a vigilância dos tribunais, a parte pertinente do orçamento estadual ou municipal e usá-la para fazer cumprir os mínimos. Quando as faltas resultarem da pobreza das populações e dos governos locais, a solução é redistribuir recursos dos estados ou municípios mais ricos para os mais pobres. Seria facilitada pela transformação de um IVA federalizado, repartido entre os estados, em fonte maior da receita pública.

A segunda obra a realizar é mudar a natureza do ensino. Deve ter por orientação o aprofundamento seletivo em substituição ao enciclopodismo superficial, o cultivo de capacidades analíticas no lugar da memorização de fatos, e a cooperação construtiva na aprendizagem em vez da mistura de autoritarismo e de individualismo. Que o governo federal a ajude a formar professores capazes de praticar essa reorientação pedagógica, fornecendo a eles os materiais e os exemplos de que precisem e condicionando seus ganhos salariais a avanços de qualificação.

A terceira proposta é radicalizar a meritocracia por meio do educação. Temos de identificar, por critérios objetivos, os alunos mais aplicados ou

## A capacitação dos brasileiros

talentosos em todos os níveis do ensino, desde os primeiros anos. E passar a dotá-los de estímulos especiais e de bolsas generosas, que suplementem um programa básico e universal de bolsa-escola. Serão -- sobretudo os pobres e negros -- herdeiros da República, em vez de serem herdeiros das famílias ricas que não têm. Formarão contra-elite republicana para competir com a elite de herdeiros que ainda concentra em suas mãos riquezas e oportunidades. Abrirão caminho para todos. Quebraremos, com isso, o marasmo do nepotismo e do fatalismo. Daremos início à escalada de energia e de ambição. O Brasil não será apenas sacudido. Será inspirado.

### Social fora de foco

O governo Lula aderiu à idéia de "focalizar" as políticas sociais. Com isso, confirmou que está perdido.

Focalizar as políticas sociais significa dirigir apenas aos mais carentes os recursos disponíveis para o social. A focalização se opõe a políticas ditas universais: destinadas a todos. Segundo o raciocínio da focalização, como o orçamento é limitado, precisa haver fila. Os mais pobres devem ser os primeiros na fila. Grande mal do Brasil, dizem, é que os benefícios sociais vão em peso para quem menos precisa deles: a classe média, que, por exemplo, frequenta as universidades públicas.

Focalizar parece, portanto, exigência de bom senso e de equidade. Nos Estados Unidos, onde fraqueja agora a imaginação transformadora, os filósofos se juntam aos técnicos para alardear as excelências dessa orientação. Não falta no Brasil quem os siga.

Orientação errada. Política social é ramo da política, não da caridade. Nenhum dos países europeus em que se consolidou a social-democracia chegou lá priorizando políticas sociais focalizadas. Todos se dedicaram à construção de políticas universais de educação, saúde e previdência. Apenas sobre essa base ofereceram ajuda maior aos mais pobres. Reformaram instituições para conseguir mais igualdade. Usaram política social para capacitar seus cidadãos, não para

## A capacitação dos brasileiros

atenuar os efeitos da falta de democratização de oportunidades.

Um dos objetivos da opção pela universalidade é formar maioria que defenda o Estado social por se beneficiar com ele. Outro é formar cidadania que tenha a segurança social necessária para constituir nação unida, capaz e inovadora. Política social não é distribuição de esmola a necessitados enfileirados por ordem de suas necessidades. É construção nacional. Programas só para os mais pobres -- ao invés de programas que incluam os mais pobres -- não resistem aos ciclos econômicos e políticos. Nos Estados Unidos, sede da propaganda em prol da focalização, as políticas sociais universalizantes do presidente Roosevelt perduram. A "guerra contra a pobreza" do presidente Johnson sumiu.

Esse debate tem significado especial para nós. O Brasil só muda quando a classe média se desgarrar da plutocracia de viés colonial e passa a liderar reorientação do país em proveito de todos. Entre nós, focalização das políticas sociais é referência cifrada a guerra contra a classe média. Guerra que o governo atual conduz com afinco, convencido de ter na aliança entre financistas e famintos base melhor para hegemonia política duradoura. O exemplo mais claro do lado que o governo tomou será a campanha que ele está prestes a deslanchar contra a já destruída universidade pública e seus já arruinados professores.

Política séria é tragédia e transformação. É trágico não poder concentrar no atendimento dos mais sofridos os recursos limitados do Estado. Só por meio dessa tragédia, porém, é que se transforma sociedade de dependentes em república de cidadãos.

Não culpemos pelo desvio da focalização os tecnocratas que fazem no governo o que sempre apregoaram. Responsável é quem os chamou: o homem que -- sem clareza, sem coragem e sem fidelidade a compromissos históricos e eleitorais -- ocupa a Presidência da República.

Justiça racial já

Das injustiças que proliferam no Brasil, comprometendo nossa vitalidade e



## A capacitação dos brasileiros

adiando nosso engradecimento, nenhuma é mais constante do que a injustiça racial. Forjado sob a sombra da escravidão africana, o país ainda não conseguiu romper com os desdobramentos desse mal em nossa sociedade e em nossos corações.

Propõem-se, em resposta, quotas raciais. Nossa atração fatal às aparências conciliadoras e às imitações mal-informadas está empenhada nessa seudosolução.

Quotas raciais não convêm ao Brasil. Em primeiro lugar, reproduzem a tendência dos Estados Unidos para tratar justiça racial como espécie de preliminar, separada de justiça social. O contexto brasileiro é ainda menos próprio para essa separação do que o americano. O resultado previsível de reservas raciais será promover e ao mesmo tempo estigmatizar elite afro-brasileira. Embora essa elite alegará representar a massa da gente oprimida de cor, acabará -- a julgar pela experiência de outras nações -- por representar a si mesma. A massa negra ficará onde sempre esteve -- no nada. E o resíduo do exercício será a confirmação íntima do preconceito, obfuscada pelas hipocrisias açucaradas em que se especializam nossos quadros dirigentes. O critério da "auto-identificação" como negro para fazer jus ao benefício -- quase inevitável dada a miscegenação racial da população trabalhadora -- aumenta a probabilidade de fiasco.

Em segundo lugar, o regime de quotas não serve porque é e deve ser inconstitucional: fere qualquer entendimento contemporâneo plausível da igualdade perante a lei. Por isso mesmo só poderia ser instituído por iniciativa constitucional como foram as quotas adotadas na Índia para libertar os "intocáveis". Nos Estados Unidos apenas os adversários das políticas de "ação afirmativa" as descrevem como quotas. E o Judiciário vem impondo restrições para assegurar que não funcionem como tal.

Alternativa mais eficaz e mais justa nos obrigaria a trocar os chavões da pacificação pelos embates da transformação. O instrumento principal é a identificação ativa dos alunos mais talentosos e aplicados em todos os níveis do ensino público, com preferência dada não aos negros mas aos pobres. Trata-se de cercar esses estudantes de apoios financeiros e de estímulos intelectuais extraordinários, levando-os às culminâncias da formação, dentro e fora do Brasil. A maioria dos beneficiados seria automaticamente, de cor. Uma contraelite morena, negra e pobre seria preparada para disputar os lugares de nossa elite

## A capacitação dos brasileiros

branca de herdeiros. O impacto transformador sobre a sociedade brasileira seria imediato, insuflando ambições e mudando expectativas. O instrumento subsidiário é o revigoramento das normas anti-discriminatórias. A ausência de negros em qualquer organização pública ou privada deve ensejar suspeita de discriminação. Quadros especiais de procuradores e de juízes devem poder exigir a ampliação dos esforços de recrutamento e investigar a imparcialidade dos procedimentos de avaliação.

Tal alternativa bate de frente com o método de Pôncio Pilatos: delegar às auto-nomeadas lideranças negras a escolha do rumo a seguir. Não se fazem repúblicas por meio de tais delegações cala-bocas. Fazem-se por mãos de homens e mulheres que tenham tanto amor ao país que se disponham a ser inconvenientes.

### Consenso para educar

Se há tema que serve de base a convergência nacional é a educação. Não cedo a ninguém no ardor com que me oponho ao governo atual e ao ideário que ele herdou de seu antecessor. Não me conformo, porém, em ver a luta indispensável sobre o futuro do país servir de pretexto para adiar obra de engradecimento para cuja realização já existem meios e quase existe consenso.

O ponto central é simples: melhorar a qualidade do ensino público. Melhorá-la ampliando e aprofundando o que já se conseguiu. Decompõe-se essa tarefa em três partes.

A primeira parte é a assegurar mínimos de investimento por aluno e de desempenho por escola. O Fundef iniciou esse processo para o ensino fundamental. Mas não basta. O maior obstáculo ao esforço de ir mais longe está na rigidez do federalismo tradicional: a escola média e a escola fundamental estão sob a responsabilidade dos Estados e dos Municípios. Os efeitos das imensas diferenças de receitas tributárias e de capacidades administrativas dentro da Federação recaem sobre os alunos. A solução é flexibilizar o federalismo. Os governos federal, estaduais e municipais devem associar-se em órgãos transfederais que vigiem a execução dos mínimos de investimento e de desempenho, que intervenham

## A capacitação dos brasileiros

corretivamente quando eles deixem de ser atendidos e que possam redistribuir recursos e quadros de uma unidade da Federação para outra. Quando esse federalismo flexível deixar de cumprir sua responsabilidade, o Judiciário, provocado pelos cidadãos ou pelo Ministério Público, interviria, delegando a gestão de escolas a administradores independentes e sequestrando os recursos orçamentários exigidos.

A segunda parte é reorientar o ensino. Não se pode mudar tudo de uma vez. É possível, porém, dedicar faixas cada vez mais amplas de cada nível da educação pública a ensino que privilegie a capacitação analítica sobre a memorização enciclopédica. Tratemos de qualificar e de incentivar os professores para isso, reconstruindo o antigo sistema das escolas normais, transformando o magistério em carreira competitiva e atraente, preparando materiais pedagógicos que desmistifiquem o ensino capacitador e avaliando constantemente o resultado na sala de aula.

A terceira parte é dar vazão ao talento e à ambição entre os alunos, sobretudo entre os alunos pobres. É intolerável que nossos Newtons e Pascals continuem a morrer sem reconhecerem o que poderiam ter sido. O caminho é complementar a Bolsa-Família por oportunidades especiais de estudo e de financiamento para os estudantes mais talentosos e aplicados, desde o ensino fundamental até a pós-graduação. Todos serão beneficiados quando a República puder dizer aos mais brilhantes dos sem-herança: sejam meus herdeiros.

O consenso a ser formado por esses três conjuntos de iniciativas é modesto e factível: trabalharia com o que já existe. Governo e oposições, Estado e sociedade civil, poderiam ver-se como co-autores. Começar movimento nessa direção já seria soerguer o país. A maior tristeza brasileira é que uma energia desmesurada continua sem olhos para ver: uma fecundidade cega que vem de baixo se debate com uma esterilidade míope que vem de cima. Dizer que tem de ser assim é trair o Brasil e mentir a nós mesmos.

# A capacitação dos brasileiros

## O mais importante

Falta ainda definir com clareza e com audácia o projeto educador capaz de dar braços e asas ao engenho dos brasileiros. Por si só, a perspectiva de cumprir essa tarefa justifica lutar pelo poder.

A primazia da educação entre nossos problemas nacionais repousa sobre dois fundamentos. Uma dessas razões tem a ver com nosso modelo de desenvolvimento: não temos futuro como manancial de trabalho barato. Não podemos ficar imprensados entre nações que acumulam conhecimento e nações que, até chegarem lá, acumulam gente. A outra base diz respeito ao destino de nossa civilização: o Brasil continua a ser o país das energias frustradas. O tipo mais característico do brasileiro hoje é o um trabalhador subempregado, com auto-imagem pequeno-burguesa e com impulso de auto-ajuda e de iniciativa. Capacitar esse brasileiro é começar a mudar tudo no Brasil.

A substância da transformação a efetuar em nosso sistema de ensino está, porém, longe de ser evidente. Compõe-se de cinco elementos, cada um deles prefigurado por iniciativas que existem, ou que já existiram, entre nós.

Em primeiro lugar, mínimos de investimento por aluno e de desempenho por escola, assegurados por órgãos colegiados que associem os governos federal, estaduais e municipais. Tais colegiados estariam investidos de poderes para monitorar resultados, redistribuir recursos e reorganizar escolas ou sistemas escolares. Procuradores e juízes, provocados por cidadãos, teriam autoridade para intervir em caráter emergencial quando esse federalismo flexível deixasse de garantir os mínimos de investimento ou de desempenho.

Em segundo lugar, imersão do aluno na escola. Temos de abolir o regime de turnos múltiplos. Escola que retém o aluno apenas por algumas horas por dia não tem como cumprir sua missão de se contrapor às limitações do meio e de ser a voz do futuro.

Em terceiro lugar, reorientação radical no conteúdo e no método da educação pública. Ensino que seja analítico em vez de ser informativo, que prefira

## A capacitação dos brasileiros

o aprofundamento exemplar e seletivo à abrangência enciclopédica, que substitua individualismo e autoritarismo na sala de aula por trabalho de equipe e que acostume o estudante ao enfrentamento entre idéias contrastantes. É a aplicação a todos os estágios do ensino das práticas características da construção da ciência mais avançada. O erro está em supor que essa pedagogia capacitadora tenha de abdicar do rigor. Deve, pelo contrário, pautar-se por riqueza de conteúdos e de cobranças, na forma de provas constantes, tanto internas quanto externas.

Em quarto lugar, apoios financeiros especiais e oportunidades de aprendizagem extraordinárias para os alunos mais talentosos e aplicados, sobretudo quando identificados entre os mais pobres. Para formar uma contra-elite republicana capaz de disputar com nossa elite de herdeiros e de chegar às culminâncias da realização intelectual. E para difundir desde já na sociedade brasileira uma dinâmica de inquietação, de ambição e de esperança.

Em quinto lugar, multiplicação, em cada nível do ensino, por iniciativa do governo federal em parceria com os Estados e com os Municípios, de escolas exemplares, capazes de desbravar esse caminho e de atrair a classe média mais exigente. O momento em que escola pública deixar de ser só para pobre será o ponto da virada.

Utopia? Nada disso. Viável já, com instrumentos que, em sua maior parte, já estão disponíveis. O resultado será, em muito menos tempo do que se imagina, outro Brasil. Obra de visionários práticos – só ela nos libertará.

### Ensino e futuro

Nada é mais importante no Brasil de nossos dias do que a capacitação dos brasileiros por meio da melhora da qualidade da educação. E no esforço para melhorar-lhe a qualidade nada é mais fundamental -- ou menos discutido -- do que o conteúdo e o método do ensino. Entre nós, porém, debate-se qualquer coisa acerca do ensino menos o ensino em si mesmo. A controvérsia a respeito da orientação pedagógica continua desdenhada como luxo e divagação. Está errado, tragicamente errado.

O Brasil não ascenderá no mundo na trilha da China, como país de trabalho

## A capacitação dos brasileiros

barato e descartável. Não temos centenas de milhões de lavradores dispostos a fazer tudo por nada. O que nós temos, em meio a uma riqueza natural singular, são dezenas de milhões de trabalhadores, a maioria sem emprego seguro ou legal, marcados por energia desmedida e desequipada, em busca de oportunidade para subir a escada da qualificação educativa e da oportunidade econômica. Precisamos transformar o improvisado acidental em flexibilidade pensada. Para isso, só há um jeito: mostrar aos jovens como fazer, ministrando-lhes ensino que, mais do que informativo, seja capacitador.

Permito-me traduzir essa tese em depoimento pessoal. O maior educador da nação que tivemos foi Anísio Teixeira. Quando ele tinha mais de sessenta anos e eu menos de vinte, tornei-me seu amigo e interlocutor. Como secretário de educação do governo de meu avô na Bahia ele havia implantado a escola-parque, depois divulgado por mãos de seu discípulo Darcy Ribeiro sob o nome de escola integral. O que ficou claro em minhas conversas incessantes com Anísio é que a escola de tempo integral, com apoio amplo ao aluno, destinava-se a ser apenas o arcabouço físico e social de uma educação revolucionária no método e no conteúdo. Enciclopedismo superficial e inconsequente cederia lugar a ensino que mobilizasse a informação seletiva e aprofundada como palco para o desenvolvimento de capacidades analíticas. Na Universidade de Columbia, Anísio se havia debruçado sobre os escritos de John Dewey e encontrado na filosofia do pragmatismo americano incitamento para a revolução de ensino que preconizava no Brasil. Julgava-se derrotado. Esquecera a advertência de Unamuno: por serem vitoriosos os que se adaptam às ideias do mundo e derrotados os que exigem que o mundo se adapte a suas idéias, é dos derrotados que depende o avanço da humanidade.

Tomei como minha a causa do Anísio. Não há futuro para nós sem que se instaure em nosso país um ensino que substitua o enciclopedismo pelo aprofundamento, a informação morta pela análise viva, o individualismo e o autoritarismo na sala de aula pela cooperação e a transmissão de um conhecimento tido por canônico pela experiência da dialética de pontos de vista contrastantes. De todas essas formas, o que se impõe é a antecipação para cada estágio da aprendizagem, desde os primeiros, de características do trabalho científico e crítico mais alto.

## A capacitação dos brasileiros

Meu malogro na defesa dessa tese tem sido acachapante. Apesar dos muitos anos e dos numerosos contextos em que luto por ela, não consegui trazer para ela um único dos meus concidadãos. Afirmando, entretanto, que nisso erram eles gravemente. Por isso, persistirei. Consolo-me com a observação do poeta Blake: se o tolo persistisse em sua tolice, ficaria sábio.

### O resgate da nação

Quase trinta milhões de crianças e adolescentes brasileiros vivem na pobreza, muitos em extremos de miséria e de abandono, sem perspectiva de levar uma vida diferente da vida dos pais. De seu resgate depende o futuro do Brasil.

A melhor maneira de dar futuro a eles, e portanto ao país, é tornar a construção de um ensino público de qualidade o objetivo supremo do governo, subordinando tudo a essa exigência. As iniciativas destinadas a aliviar, para esses jovens, os sofrimentos, as humilhações e as incapacitações da pobreza só serão efetivas se forem acessórias ao esforço de educar.

As sondagens de opinião demonstram que nosso eleitorado coloca a educação bem baixo na hierarquia de suas preocupações. Por isso, os marqueteiros aconselham os candidatos presidenciais a prometer empregos, segurança e saúde, e até estradas e açudes, antes de chegar a esse primo pobre das políticas públicas que é a capacitação dos brasileiros. Não importa. Um candidato demonstrará sua devoção ao engrandecimento do Brasil e dos brasileiros insistindo que o importante terá de aguardar até que se faça o indispensável. E confiando em sua capacidade de persuadir os eleitores dessa verdade dura e emancipadora.

No fundo, é muito simples. O Brasil fervilha de energia e de engenho. De tudo o que lhe falta, o que mais lhe falta é ensino público de qualidade para dar destino construtivo a essa ebulição que se dissipa no ar. Qual o cidadão sensato que não trocaria um país com estradas pavimentadas e gente ignorante por outro com suas estradas -- e até com suas fábricas -- destruídas, mas com população capacitada? Este, ao contrário daquele, detém a fonte da riqueza, o escudo da justiça e a garantia da liberdade. Até solução para os problemas das finanças

## A capacitação dos brasileiros

públicas possui: os mercados emprestam, a título longo, a quem tenha capacidade para produzir; dos incapacitados, exigem retorno já.

Essa, só essa, é, portanto, a tarefa sagrada: construir ensino público que abra para o país as portas de outro futuro. Mínimos de investimentos por aluno e de desempenho por escola, asseguradas por mecanismos de investimento federal, de redistribuição dentro da Federação e de intervenção corretiva quando os mínimos deixarem de ser satisfeitos. Pré-escolar e escola no ciclo básico de tempo integral, salvando a criança pobre das mazelas do meio e prestando-lhe ajuda alimentar e médica abrangente. Universalização da escola média. Pedagogia voltada para capacitação, tanto conceitual quanto prática, não para decoreba. Formação de professores e de materiais pedagógicas para elevar a qualidade do ensino público a partir de modelos de excelência que se multipliquem. Conquista da classe média para a escola pública, como fiadora de sua qualidade, em proveito de todos. Oportunidades e apoios extraordinários, de avanço escolar e de subsídio econômico, para o aluno pobre e aplicado. E, com tudo isso, dinâmica de emulação e de esperança na sociedade brasileira -- não depois, mas já.

Quem conhece o assunto, sabe que tudo isso é factível com instrumentos que já temos. Agora a tarefa é mostrar ao povo brasileiro que esse é o caminho para soerguer a nação. É a redenção de nosso grande país e a justificativa de nossas vidas de cidadãos.

## Revolucionar o ensino público

Aprofundar a democracia, mudar o modelo econômico, revolucionar o ensino público -- essas as diretrizes da alternativa de que precisa o Brasil. Nenhuma das tres irá longe se não puder apoiar-se nas outras duas.

A reflexão sobre o ensino deve começar na apreciação de um aparente paradoxo: o Brasil gasta muito em educação, à luz de comparações internacionais, e pouco parece obter em troca. A aparência de paradoxo, porém, logo se dissipa quando se levam em conta as vastas desigualdades da sociedade brasileira -- entre as mais extremas de toda a história humana -- e a falta entre nós de uma cultura familiar que preze o estudo e que exalte a excelência acadêmica. O resultado é que um engenho assombroso costuma perder-se em improviso inculto. Num país com



## A capacitação dos brasileiros

essas características, o investimento em educação não pode seguir a média internacional; precisa ser prioritário e maciço.

Proponho que essa obra -- que não seria exagero chamar de libertadora -- se desenvolva simultaneamente em dois planos: o do esforço diuturno para expandir a abrangência e melhorar a qualidade do sistema público e o da reorientação radical desse sistema.

No primeiro plano, as prioridades hoje são: universalizar o ensino médio; reconstruir e refinar o regime de formação inicial e de requalificação periódica do professorado, assegurando, com apoio federal, os incentivos econômicos adequados; disponibilizar materiais pedagógicos muito mais ricos na sala de aula; fazer a transição para a escola em turno integral; evitar que "progressão continuada" degenerem em aprovação automática e monitorar obsessivamente a qualidade do desempenho de escolas, alunos e professores. Não para punir e cercear mas para compreender, ajudar e corrigir. Adversário dos governos Fernando Henrique e Lula, reconheço que eles iniciaram parte dessa agenda.

O trabalho nesse primeiro plano só será fecundo, porém, se for combinado com o trabalho no segundo, de reorientação audaciosa. Em primeiro lugar, associação dos governos federal, estaduais e municipais em órgãos conjuntos para definir mínimos de investimento por aluno e de desempenho por escola em todo o país e para redistribuir fundos e quadros dos lugares mais ricos para os mais pobres. Recurso do cidadão ao judiciário quando esse mecanismo transfederal malograr e poderes para o juiz sequestrar recursos orçamentárias e nomear administradores profissionais independentes de escolas. Em segundo lugar, revolução no paradigma pedagógico: aprofundamento seletivo em vez de enciclopedismo superficial; análise em vez de memorização ou divagação; capacitações, métodos e idéias em vez de fatos; cooperação no ensino e na pesquisa em vez de combinação do autoritarismo com o individualismo na sala de aula. As práticas do saber mais avançado antecipadas para os primeiros estágios do ensino. Em terceiro lugar, oportunidades intelectuais e apoios financeiros extraordinários para os alunos pobres mais talentosos e esforçados, desde o ensino fundamental até a pós-graduação, formados como contra-elite republicana para rivalizar com nossa elite de apadrinhados. Surte efeito já. Inspira ambição onde havia resignação. Dá asas à energia frustrada do país e visão a um engenho cego.

## A capacitação dos brasileiros

Essa é uma causa factível e sagrada. Seu objetivo é colocar o brasileiro na posse de si mesmo e fazer de sua capacitação a base de nosso engradecimento nacional.

### Reinventar o social

Nesses 25 anos de mediocridade imposta, passou a vigorar no Brasil uma idéia perversa do social, recomendada por nossos tutores estrangeiros. O social não teria por tarefa capacitar a maioria assalariada do país. Seria espécie de caridade destinada a atenuar o sofrimento dos mais pobres enquanto o país segue a cartilha da confiança financeira e da imitação institucional a que se renderam seus quadros dirigentes.

Proponho reorientação radical. Em todos os campos garantir o básico de oportunidades para todos -- um primeiro trilho. E combinar essa universalização de oportunidades com um segundo trilho, de oportunidades especiais para os mais talentosos e esforçados. Exemplifico a idéia nos dois campos mais importantes: emprego e ensino.

Na área do emprego, o primeiro trilho é acabar com a informalidade em massa e estimular a contratação e a qualificação dos trabalhadores mais pobres. Para isso, abolir todos os encargos sobre a folha de salários, financiando os direitos trabalhistas por meio dos impostos gerais. E assegurar incentivo tributário a quem empregue e qualifique trabalhador menos qualificado. Medidas que só se viabilizam no quadro de uma política econômica que substitua ganância em juros por gasto em brasileiro.

O segundo trilho consiste em usar os poderes e os recursos do Estado para instrumentalizar a multidão empreendedora, imensa e desequipada, que emerge de baixo. Em vez de usar dinheiro de trabalhador e de contribuinte para subsidiar graúdo, difundir, entre os empreendedores emergentes, tecnologias e práticas avançadas e maneiras de ganhar escala de produção e acesso a mercados. Muitas Emprabas, muitos Sebraes, muitas novas maneiras de baratear crédito e tecnologia, ativamente promovidas pelo governo -- esse é o caminho.

## A capacitação dos brasileiros

No domínio do ensino, o primeiro trilho é garantir mínimos de investimento por aluno e de desempenho por escola em todo o país, monitorar intensivamente os resultados, flexibilizar o regime federativo para facilitar a transferência de recursos e quadros dos lugares mais ricos para os mais pobres e formar professores aptos a ministrar ensino analítico e capacitador.

O segundo trilho passa pelo esforço de identificar os alunos mais talentosos e esforçados e de lhes oferecer oportunidades acadêmicas extraordinárias e apoios econômicos abrangentes. Vocês que não têm heranças ou padrinhos, sejam herdeiros da República e vanguarda do povo brasileiro, dirá a eles um Estado que não mais esteja no bolso dos endinheirados.

Tanto na economia quanto na educação, essa política social em dois trilhos - o fundamental e o extra -- surtirá o máximo de efeito com o mínimo de recursos. Reconciliará as urgências do presente com as exigências do futuro. Dará braços para todos: base de oportunidade e de capacitação. E asas para quem possa e queira voar: vez para o talento, para a tenacidade, para a obsessão criadora e construtiva.

O impacto dessa reorientação será revolucionário e imediato, ainda que alguns de seus frutos demorem a amadurecer. O país trocará a inibição pelo dinamismo. O povo brasileiro será sacudido por onda de ambição e de esperança. O Brasil continuará vergado sob o peso de muitos de seus defeitos. Passará, porém, a ter o uso de algumas de suas virtudes.

### O que levantaria o Brasil?

O que levantaria o Brasil do fosso de mediocridade e de tristeza em que se encontra? Há três conjuntos de iniciativas que, combinadas, mudariam radicalmente nosso país, intrumentalizando a energia frustrada dos brasileiros.

A primeira linha de ação é tirar a camisa-de-força de uma política econômica que agrada rentistas e financistas mas que agride os interesses do trabalho e da produção. E fazê-lo sem abdicar do realismo fiscal. O Brasil é hoje o único país grande em desenvolvimento onde os poderosos julgam que isso é

## A capacitação dos brasileiros

impossível.

A segunda diretriz é a construção no Brasil de democracia de alta energia. Nos países ricos do Atlântico norte, as maiores mudanças vieram menos de qualquer dinâmica interna do que de guerra e colapso econômico. Essas catástrofes transformadoras não fazem parte de nossa história. A nós, mais do que a qualquer outro povo, interessa fazer com a que transformação não dependa da calamidade. Só o conseguiremos construindo democracia que combine a representação com a participação, que facilite a resolução pronta dos impasses, que assegure aos cidadãos meios para responsabilizar os governantes e que livre a política da sombra do dinheiro. Não há de ser continuando a copiar o presidencialismo dos Estados Unidos, desenhado por Madison para dificultar a transformação da sociedade, que alcançaremos esse objetivo.

A terceira série de iniciativas é a menos compreendida, porém a que mais se adapta ao que somos. É necessária para podermos assumir personalidade distinta dentro da humanidade. Tem a ver com o desenvolvimento das formas de ensino e de produção que libertem nosso potencial, imenso e reprimido, para construir e para criar.

Mesmo nas escolas consideradas melhores e frequentadas pelas elites, nosso ensino não presta. Tem dois lados: memorização e divagação. Os alunos são tratados como candidatos a memorizar a enciclopédia. Ao mesmo tempo, estudos recentes comprovaram que o aluno costuma não aprender a lidar com textos: as leituras servem como convite para "viajar", para livre associação de idéias. Quando se para de decorar, vem a hora do devaneio. O que falta é o mais importante: aprender a analisar e a reconstruir o conhecimento disponível.

No sistema de produção -- as fábricas, as oficinas, os escritórios -- há situação semelhante. Prevalece entre nós o que se poderia chamar o "Fordismo tardio", pensando em Henry Ford e no sistema de trabalho industrial hierárquico e rígido que ele aperfeiçoou. É como se o próprio trabalhador fosse uma máquina -- não um inovador flexível, capaz de usar máquinas menos flexíveis do que ele. É um padrão produtivo que só se sustenta no mundo contemporâneo em países em que o trabalho é barato e o trabalhador, aviltado.

Tais formas de ensino e de produção não servem para qualquer país, muito

## A capacitação dos brasileiros

menos para o nosso. Desperdiçam nossa criatividade. Contradizem nossa índole. Acorrentam o Brasil. Nossa tarefa é substituí-las.

Onde encontraremos apoios e aliados para projeto nacional com esses fundamentos? Não os encontraremos em classe política apequenada e vidrada em discursos importados. Só os conseguiremos abrindo caminho para falar à nação -- para esclarecê-la, para inspirá-la e para convocá-la a levantar-se contra a ordem ruínosa que lhe impuseram.

### Prioridade nacional

O que precisa para traduzir em obra transformadora nosso aparente e ainda vazio consenso a respeito da necessidade de fazer da educação prioridade nacional? Três revoluções factíveis e entusiasmantes.

Revolução de responsabilidade. O governo federal, trabalhando em conjunto com os Estados e os Municípios, tem de ser responsabilizado pela disponibilidade e pela qualidade do ensino básico em todo o país. O alvo é substituir em pouco tempo nossos 6 anos de escolaridade média por 12 e construir escola pública boa bastante para atrair a classe média, como fiadora e reivindicadora de sua qualidade. Mínimos nacionais, sistematicamente monitorados, de investimento por aluno e de desempenhos por escola. E poderes e recursos para intervir, sob vigilância judicial, quando e onde os mínimos deixem de ser cumpridos. O Fundeb é um começo. Efetivada na educação, essa flexibilização do regime federativo serve para tudo na política social.

Revolução de abrangência. Escola que ocupa o aluno 4 horas por dia não é séria. Precisa ocupar o dia todo. E fornecer alimento e cuidado médico e dentário, engajando famílias e comunidades. Não temos de começar por construir prédios nem ir, num só salto, de 4 horas para 8. Avancemos pragmaticamente, de acordo com as possibilidades: o rumo importa mais do que o tamanho de cada passo.

Revolução de conteúdo. Não é verdade que a alternativa ao ensino enciclopédico e memorizador seja a falta de rigor travestida de modernismo pedagógico. Não se aprende matemática aprendendo a analisar e a resolver problemas? Pois o mesmo se dá em qualquer campo do conhecimento: desenvolver

## A capacitação dos brasileiros

capacitações para analisar, sintetizar, reformular e reconstruir é o que importa. Para isso, é preciso qualificar o professorado, com incentivos de avanço profissional providenciados pelo governo federal. E garantir oportunidades acadêmicas e apoios econômicos especiais para os alunos pobres mais talentosos e esforçados. Sejam eles formados como vanguarda republicana para tomar o lugar de uma elite de herdeiros e de apadrinhados.

Aí está a essência de um projeto com potencial para mudar o futuro e o presente do país se a tarefa for imaginada com ousadia, defendida com autoridade intelectual e política e executada com a necessária combinação de ardor, eficiência e realismo. Mudará o futuro graças às capacidades que constrói. Mudará o presente por meio da esperança e da energia que desperta. É a libertação do Brasil.

### Educação: escolhas

Faz sentido federalizar o ensino básico, tirando as escolas das mãos de prefeitos e governadores? A federalização pura não é factível ou conveniente. Fortaleçamos a responsabilidade da União para que, trabalhando em conjunto com os Estados e os Municípios, assegure mínimos de investimento por aluno e de desempenho por escola em todo o Brasil. O Fundef e o Fundeb são pontos de partida. Faltam mecanismos para intervir quando os mínimos deixarem de ser atendidos. Flexibilizar o federalismo, sim; suprimi-lo, não.

Já não gastamos muito em educação em comparação com outros países ricos ou pobres? Nosso problema não seria de eficiência do gasto? Gastamos muito, mas temos de gastar mais, mesmo melhorando a eficiência do gasto. Sociedade muito desigual tem de gastar muito mais em educação do que sociedade menos desigual: a escola luta contra o meio.

É preciso construir escolas novas e diferentes para implantar turno integral e assistência alimentar e médica abrangente? Menos atenção para prédios, por favor, e mais atenção para gente. Na maior parte do país, podemos começar a ampliar tanto o horário do ensino como a ajuda aos alunos sem construir nada, a não ser pessoas.

E que espécie de ensino se deve ministrar na escola pública melhorada? O

## A capacitação dos brasileiros

foco tem de ser ensino analítico e capacitador, priorizando operações conceituais básicas, como análise matemática e leitura crítica. Ao invés da mistura de decoreba com fantasia. Nada de especializações rígidas e de profissionalizações precoces. Ensino de século 21 é transmitir a milhões de pessoas capacitações genéricas. Com isso, estarão prontas para tudo.

E de onde vem os professores para tal aprendizagem? O sistema de requalificação em meio de carreira, de incentivos econômicos para buscá-la e de disponibilização de materiais pedagógicos só pode vir do governo central.

Não demoraria 30 anos para termos uma escola pública que não seja só para pobre, porque consiga atrair a classe média? Não demora mais do que 4 anos, se fizermos direito. Um atalho é o seguinte: programas escolares especiais e apoios econômicos extraordinários para os estudantes pobres mais talentosos e esforçados. Eles viram elite de merecimento, preparada para frequentar depois as melhores universidades, dentro e fora do país. A classe média vai querer ficar junta. Aí muda a educação. Muda o Brasil.

É difícil de viabilizar esse projeto? Não, os componentes são até fáceis de executar; o que assombra é o conjunto da obra. Exige tenacidade quase insana.

### Virada na educação

Só há um projeto capaz de nos unir: educação. E a união construída nesse campo pode gerar os recursos políticos e morais para fortalecer nossa capacidade de resolver todos nossos outros problemas. Quais são as grandes diretrizes -- viáveis com meios de que o país já dispõe ou que possa em pouco tempo encontrar -- da mudança necessária em matéria de educação?

Em primeiro lugar, aproveitar a maré montante do Fundef para instituir sistema federal que assegure mínimos de investimento por aluno e de desempenho por escola em todo o país, independentemente dos recursos e das capacidades de que cada Município ou Estado disponha. O Fundef é só o começo: é preciso negociar pacto federativo para poder redistribuir recursos e pessoal dos lugares mais ricos para os mais pobres. De nada adianta, sem procedimentos para monitorar resultados e intervir corretivamente quando forem inaceitáveis. Se os

## A capacitação dos brasileiros

mínimos deixarem de ser preenchidos, entidade específica, dirigida pelo governo federal, com representação dos Estados e Municípios, deve poder intervir para administrar diretamente um sistema escolar local, sob limites impostos pela vigilância do Judiciário, até que se supram as faltas, de meios, de quadros ou de eficiência.

Em segundo lugar, enfrentar o problema do conteúdo e do método. Nas comparações internacionais, nosso desempenho em matemática é constrangedor. E a leitura de um texto, quando não encarada como ocasião para memorizar, costuma ser vista entre nós como pretexto para fantasiar, em livre associação de idéias. Por conseguinte, também não se aprende a pensar e a traduzir pensamento em escrita: como formular, decompor, desdobrar, fundamentar e reconstruir conceitos. Tudo o mais no currículo ou deve ser subsidiário a essas capacitações analíticas básicas ou deve servir para exercitá-las. Não conseguiremos colocar tais capacitações no centro do ensino sem qualificar o professorado e incentivá-lo nacionalmente, sob a responsabilidade do governo central.

Em terceiro lugar, formar, a partir da educação reformada, uma contra-elite de merecimento. Ao aluno pobre esforçado e talentoso dirá a República: Você, que não tem herança, herdará de mim. Eu o cumularei de apoios econômicos abrangentes e de oportunidades acadêmicas extraordinárias, até levá-lo às alturas do saber.

Insisto: tudo isso é viável no Brasil de hoje. Começar a viabilizá-lo é mexer a fundo com o país. É insuflar, em toda a parte e já, dinâmica de inquietação ambiciosa. É libertar o povo brasileiro.

### Educação sem romantismo

A causa da melhora da qualidade do ensino básico foi sacralizada no Brasil: todos lhe professam devoção. Não se teve a paciência de encontrar idéias para fazer da devoção realidade.

Começemos pelo começo: dinheiro. Sem aumentar em muito o investimento



## A capacitação dos brasileiros

em educação -- dos poucos mais de 4% do PIB que gastamos hoje para cerca de 7% -- não resolveremos. E dinheiro, no tempo e na quantidade necessários, só pode vir, na realidade fiscal atual, de duas fontes: rebaixamento dramático dos juros que o governo paga aos credores da dívida pública interna e aumento da idade da aposentadoria. Outras fontes possíveis são tão complicadas, política e juridicamente, que não atendem o objetivo imediato.

Depois de dinheiro, vêm poder e responsabilidade. Transferir a gestão das escolas básicas ao governo federal seria impraticável mesmo que fosse (e não é) conveniente. Deixar tudo na mãos de prefeitos e governadores, porém, é aceitar que escola de qualidade dependa de governante local com recursos, competência e boa fé. Impor padrões nacionais, monitorar, redistribuir recursos e quadros dos lugares mais ricos para os mais pobres e intervir corretivamente quando necessário. O Fundeb representa apenas primeiro passo.

Assegurados dinheiro e poder, acertar a relação entre o público e o privado. Abaixo o preconceito ideológico: experiências como a de alguns estados da Índia mostram que reforma do ensino público pode caminhar junto com facilidades para melhorar o ensino particular, tornado acessível aos pobres, com apoio do governo.

E o conteúdo? Dar prioridade ao domínio de operações conceituais, exercitadas em dia escolar que se alongue: aprender como resolver problemas em matemática; como ler textos; como analisar, formular e escrever idéias; como buscar o conhecimento. Nada de enciclopedismo informativo ou de modismos pedagógicos. Professores formados, equipados e incentivados por iniciativas do governo federal -- inclusive rede de "escolas normais" para qualificá-los.

Depois de tudo isso, ir fundo no esforço de identificar, em todos os níveis do ensino, os alunos pobres mais talentosos e esforçados. E oferecer-lhes apoios econômicos abrangentes e oportunidades acadêmicas extraordinárias. Serão os bolsistas da república. Sua chegada sacudirá a nação, porque lhe dará esperança.

Despi a causa de seu romantismo. Ficou só o essencial, de problemas e de soluções. Haveria enorme apoio nacional e internacional. Por que não fazer?

# A capacitação dos brasileiros

## Educação para valer

Vamos ou não vamos afirmar a responsabilidade federal pela qualidade do ensino básico? Enquanto o governo federal cuidar só de universidade e de escola técnica, e se limitar a transferir recursos para que Estados e Municípios cuidem do resto, não avançaremos. É impraticável colocar o ensino básico sob gestão federal. A solução é impor padrões nacionais mínimos de investimento e de desempenho. Compensar, com recursos federais, as desigualdades dentro da federação. Monitorar de perto os resultados. E construir mecanismos para intervir e corrigir quando os mínimos deixem de ser alcançados.

Vamos ou não vamos universalizar o ensino médio dentro de quatro anos e ampliar o alcance do pré-primário, dirigido à população pobre? Esses são hoje os dois pontos críticos da escolarização no Brasil. Menos prioritária é a expansão do ensino técnico e profissionalizante. Os países que deram ênfase a ele abandonam essa ênfase; hoje, o que conta e o que perdura, mesmo para as empresas, são as capacitações genéricas, não as especializações rígidas.

Vamos ou não vamos repensar a relação entre governo, escola pública e escola privada? Nada de preconceito ideológico. Façamos como fazem governos, inclusive de esquerda, em muitas partes do mundo: oferecer financiamento parcial a famílias pobres que preferam matricular os filhos em escolas particulares, desde que essas escolas desenvolvam materiais e práticas pedagógicas que a escola pública possa depois aproveitar.

Vamos ou não vamos mudar o conteúdo e o método do ensino brasileiro? Abaixo o enciclopedismo informativo. Foco nas operações conceituais básicas, de análise, interpretação e formulação, em todos os campos do conhecimento. Para os professores, piso salarial, incentivos de qualificação e oportunidades para estudo ao longo da carreira.

Vamos ou não vamos tratar com especial atenção os alunos pobres mais talentosos e esforçados? Bolsas abrangentes e programas extraordinários para fazer deles uma contra-elite de merecimento e sacudir o Brasil.

## A capacitação dos brasileiros

Vamos ou não vamos assegurar dinheiro para tudo isso? Não basta gastar melhor. É preciso gastar mais: 6% do PIB em vez dos 4% que gastamos hoje. Faz parte do preço de nossa desigualdade.

É para valer ou não é? Falta pretexto para não valer: nenhuma das outras transformações de que precisamos suscitaria apoio tão amplo e entusiasmado, no Brasil e no mundo. Seria o começo da libertação do povo brasileiro.

### Oito medidas para educar

Para a educação, assim como para o desenvolvimento, é preciso ter visão e projeto. Projeto e visão podem, porém, induzir vertigem e desânimo. Aqui vai, em troca, elenco de iniciativas pontuais, inspiradas no que deu certo no mundo.

Começo com duas preliminares. A primeira preliminar é que precisamos gastar mais. Quanto mais desigual o país e menos forte nele a tradição de cultivar o estudo em casa, maior tem de ser o gasto em educação. É nosso caso; precisamos gastar muito mais do que a média mundial. A segunda preliminar é reconhecer que melhora de qualidade da educação surte efeito imediato, não só a longo prazo. Nenhum país que se endividou para financiar salto de qualidade em seu ensino foi por isso castigado pelos mercados; sabem que a educação presente é a garantia mais certa da riqueza futura. Mais importante ainda é o impacto sobre o ânimo da nação. Inquietação, emulação, energia são tudo na vida de um povo.

1. Assegurar piso salarial e plano de carreira aos professores em todo o país. O governo federal tem de se acertar com os Estados e Municípios e completar a diferença para as entidades federadas mais pobres.
2. Construir sistema nacional de "escolas normais" e de faculdades de educação para formar e atualizar os professores ao longo de suas carreiras, não só no início.
3. Medir várias vezes por ano o desempenho de todas as escolas. Discutir os resultados no país e em cada comunidade. O monitoramento não é apenas para suprir falhas. É também para propagar as inovações locais bem sucedidas.

## A capacitação dos brasileiros

4. Ter o governo federal como intervir e consertar quando, em períodos seguidos, o desempenho seja inaceitável.
5. Focar a formação dos professores e os textos escolares na pedagogia das operações conceituais básicas: análise de problemas, interpretação de textos, formulação de argumentos, uso de fontes de pesquisa.
6. Engajar as associações de pais no trabalho das escolas e na execução de um plano de estudo para cada criança. E quando a família não tiver condições para participar, designar professor ou membro da comunidade que faça as vezes desse acompanhamento familiar.
7. Combinar o ensino direto com o ensino à distância e com a comunicação entre escolas. Cada estudante deve receber computador simplificado, ligado a rede nacional de internet pública dedicada à educação.
8. Oferecer programas especiais aos alunos, sobretudo pobres, mais talentosos e esforçados. Tais programas sacodem a mediocridade satisfeita. Acordam a genialidade calada.

Essas medidas representariam uma revolução.

## Ensino que ensine

Jogar com as ambiguidades, cultivar o improviso, juntar o que se pretende irreconciliável e dividir o que se supõe unitário, usar falta de método como método, tratar enigmas como soluções e o inesperado como o caminho -- são traços da cultura do povo brasileiro. Estratégias de sobrevivência? Porque não também manancial de grandes feitos, tanto na prática como no pensamento?

A orientação de nosso ensino costuma ser o oposto dessa fecundidade indisciplinada: dogmas confundidos com idéias, informações sobrepostas a capacitações, insistência em métodos "corretos" e em respostas "certas", ditadura da falta de imaginação. Nega-se voz aos talentos, difusos e frustrados, da nação. Essa contradição nunca foi tema de nosso debate nacional. Entre nós, educação é

## A capacitação dos brasileiros

assunto para economistas e engenheiros, não para educadores, como se o alvo fosse construir escolas, não construir pessoas.

Precognizo revolução na orientação do ensino brasileiro. Nada tem a ver com falta de rigor ou com modismo pedagógico. E exige professorado formado, equipado e remunerado para cumprir essa tarefa liberatdora.

Em matemática, por exemplo, em vez de enfoque nas soluções únicas, atenção para as formulações alternativas, as soluções múltiplas ou inexistentes e a descoberta de probelmas, tão importante quanto o encontro de soluções. Em leitura e escrita, análise de textos com a preocucapação de aprofundar, não de suprimir, possibilidades de interpretação; defesa, crítica e revisão de idéias; obrigação de escrever todos os dias, formulando e reformulando sem fim. Em ciência, o despertar para a dialética entre explicações e experimentos e para os mistérios da relação entre os nexos de causa e efeito e sua representação matemática. Em história, e em todas as disciplinas, as transformações analisadas de pontos de vista contrastantes.

Nada disso se parece com o objetivo -- cretino -- de fazer do aluno um simulacro humano da enciclopédia. Tudo se destina a capacitá-lo a compreender realidades, a mobilizar saber e a usar e desenvolver idéias. O mesmo objetivo vale desde o pré-primário até a pós-graduação universitária.

Isso é educação. O resto é perda de tempo. O resto absorve os esforços da grande maioria das escolas no Brasil e em muitos outros países. Os pais se dão por satisfeitos quando seus filhos tiram boas pontuações em provas nacionais e internacionais voltadas para a informação e a destreza. Quem lutará para que a educação no Brasil eduque?